

O cinema e suas mulheres: Pesquisa exploratória com foco na mulher atleta brasileira pelas lentes do cinema¹

Mayara Cristina Mendes MAIA²

Allyson Carvalho de ARAÚJO³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

Nosso trabalho se apresenta como um recorte dos estudos construídos para uma pesquisa de mestrado pelo programa de pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Com o objetivo de realizar um estudo preliminar sobre a história da representação da mulher atleta brasileira no cinema, realizamos uma pesquisa de cunho exploratório baseada nos estudos de Gil (1999), sobre a temática da história da mulher como protagonista dos espaços esportivos através dos olhares do cinema. O levantamento bibliográfico seguiu caminhos entre mídias digitais e livros impressos sobre a temática. Concluimos que apesar do cinema brasileiro carregar, em suas raízes, visões da mulher baseadas numa cultura eurocêntrica, a partir da contemporaneidade começam a surgir impressões da mulher que divergem dessa cultura em diversos âmbitos sociais, como é o caso do âmbito esportivo.

Palavras-chave: Estudos da Mídia; cinema; mulher; esporte.

O Cinema, o esporte e a Mulher

O esporte vinculado a mídia oscila entre ser um fator mais positivo ou mais negativo quando se faz agente de opressão e/ou de transformação das relações de gênero, dependendo de como essa mensagem é apresentada. Silverstone (2005) ao pesquisar sobre os motivos para o estudo da mídia, nos faz entender que ao procurarmos realizar análises de cunho social, psicológico e político-econômico, se torna possível entendermos os impactos que a mídia traz para a vida, a transmissão, a reprodução e a construção de novos simbolismos e significados para a vida e a cultura da sociedade.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia pela UFRN. Email: mayamaia@hotmail.com

³ Professor adjunto de Educação Física pela UFRN. Mestre em Educação (UFRN). Doutor em Comunicação (UFPE).
Email: allysoncarvalho@hotmail.com

Nosso trabalho se apresenta como um recorte dos estudos construídos para uma pesquisa de mestrado pelo programa de pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com o objetivo de realizar um estudo preliminar sobre a história da representação da mulher atleta brasileira no cinema para alcançarmos maior compreensão e precisão sobre este tema. Realizamos uma pesquisa de cunho exploratório baseada nos estudos de Gil (1999), quanto a pesquisa exploratória e as técnicas de levantamento bibliográfico, sobre a história da mulher no cinema e aprofundamos nossa investigação centrados na participação da mulher como protagonista dos espaços esportivos através dos olhares do cinema. O levantamento bibliográfico seguiu caminhos entre mídias digitais diversas (blogs, revistas eletrônicas e livros digitalizados) e livros impressos sobre a temática, além de uma pesquisa de campo quanto a filmografias sobre a temática nas cinematecas brasileiras (Museu Nacional de Arte Moderna no Rio de Janeiro; Cinemateca Brasileira em São Paulo e no Arquivo Nacional no Rio de Janeiro) no período do mês de junho de 2015.

Em se tratando de assuntos que emergem as relações de gênero, Denilson Lopes (2005), fala que por muito tempo a arte e a cultura serviram não como criadoras, mas como reafirmadoras dos clichês das representações de gênero e de orientação sexual que pelo seu impacto, o principal alvo para estudos passa a ser os filmes hollywoodianos e a televisão, em razão de seu papel hegemônico na indústria cultural cada vez mais transnacional.

No caso do cinema, entendemos este dispositivo, sensibilizador dos sentidos da visão e da audição como capaz de nos apresentar recortes de realidades que possibilitam o alcance de tempos e espaços que sem o mesmo não conseguiríamos alcançar. Outras mídias poderiam possibilitar o mesmo “conteúdo” mas não o mesmo efeito.

O cinema pode ser visto como ferramenta criada pelos homens para registrar e difratar os sentidos humanos, dessa forma os meios “são educadores privilegiados dos sentidos e geradores de novos comportamentos” (CIMINO, 2014, P. 2).

Ao refletirmos sobre aspectos históricos e sociais que contribuíram para a realidade do cinema e sua emergência na Modernidade entendemos que “os sujeitos modernos descobriram seus lugares como divisores entre passado e futuro ao experimentar essa condição como espectadores de cinema. Passado e futuro confrontaram-se não em uma zona hipotética, mas no terreno do corpo” (CHARNEY, 2004, p. 405). Leo Charney (2004, p 405), defende que “essa alienação fundamentou-se e surgiu da aspiração moderna para apreender momentos fugazes de sensação como uma proteção contra sua remoção

inexorável. A busca para localizar um instante fixo de sensação dentro do corpo jamais poderia ser bem-sucedida”.

O grande papel do cinema na vida moderna se faz constante na construção dos verdadeiros espaços sociais. Essa alienação no terreno do corpo aspira nossos interesses de pesquisa para um corpus de análise composto por mulheres atletas que ainda possuem pouca visibilidade na mídia, em específico aqui pesquisado, no cinema.

Os cinemas Europeu e Norte-Americanos enraizados pela cultura eurocêntrica são os cinemas que mais tem historicamente papel influenciador em fatores de desenvolvimento crítico e histórico por todo o mundo (SHOHAT; STAM, 2006). Mas as ideias estéticas de representação e auto-representação dos cinemas produzidos pelas minorias excluídas para além da cultura eurocêntrica e no interior do próprio mundo ocidental de matriz eurocêntrica como negros, homossexuais, mulheres, irlandeses, judeus, hoje aparecem com modelos de resistência a esta hegemonia.

Shohat e Stam (2006) afirmam que Europa trouxe entre muitos resultados para o mundo inteiro, discursos colonialistas que exerceram um papel fundamental na figuração do homem na sociedade. Shohat e Stam (2006), em sua obra *Crítica da Imagem Eurocêntrica*, apresentam conceitos como os de raça pelo discurso colonial europeu sobre os negros em associação ao selvagem, o do indígena associado a infantilização, no qual pressupõe a imaturidade política dos povos colonizados. Essas visões coloniais são encontradas numa escala global.

Shohat e Stam (2006) também falam da existência de binarismo reforçados tais como, alto e baixo, ordem e caos, luz e escuridão. O binarismo luz e escuridão vem dos tempos do iluminismo e acompanha um pensamento de que os mundos não europeus são menos luminosos. Os conceitos de gênero envolvidos e confundidos no de sexualidade não fugiram das pressões eurocênicas. Shohat e Stam (2006) revelam uma mulher aos olhos eurocênicos, associada a natureza em sua beleza, entre o erotismo e o perigo.

Eles citam um exemplo do poder do cinema eurocêntrico que vê o ocidente com masculino e o oriente como feminino e transforma Cleópatra que historicamente é negra do oriente em uma mulher branca de traço ocidental. Nesse sentido de escrever histórias de outras culturas com tonalidades mais claras, os pesquisadores afirmam que o cinema desempenhou um papel historiográfico e antropológico. Os autores também retratam ausências de voz feminina em alguns filmes, ou a figura de homens dominadores como figuras de desejo das mulheres.

O ato de colonizar assim se insere na cultura eurocêntrica como papel do homem e as terras desconhecidas são comparadas as mulheres e seus mistérios obscuros (SHOHAT E STAM, 2006):

A mulher surge na visão colonial como a que deve ser resgatada de suas perturbações mentais e que deve servir ao seu herói. Nas hierarquias sexuais cromáticas das narrativas coloniais, homens e mulheres brancas ocupam o centro da narrativa, sendo que a mulher branca representa o objeto desejado tanto pelos protagonistas quanto pelos antagonistas masculinos. Já as mulheres não ocidentais, quando não vistas como meros eróticos de terras virgens, são marginalizadas, como subalternas e de enorme apetite sexual. (SHOHAT E STAM, 2006, p. 76).

Tudo que era culto, sofisticado, legítimo, central na cultura era eurocêntrica que era o antigo continente era difundida como sua cultura para os demais. Contudo, Shohat e Stam (2006) desconstruem esse pensamento dizendo que todos os espaços também têm valores e culturas próprias que devem ser respeitados.

Ao relacionarmos os elementos do feminismo com os da cultura eurocêntrica, encontramos os conflitos entre as visões do que é ser mulher e que mulheres são estas em cada canto do mundo. Pois acreditamos que cada mulher por sua cultura e talvez, visão crítica do mundo, deve ter uma percepção de si e do que é ser mulher e que essas percepções devem ser respeitadas.

Em relação a história da cinematografia brasileira, Gubernikoff (2009) observa uma forte influência do sistema patriarcal e de seus valores. Dentre os gêneros produzidos pelo cinema brasileiro, a autora ressalta a pornochanchada, fenômeno popular que alimentou por 15 anos a produção da boca-do-lixo de São Paulo e que centrava sua temática na exploração erótica. Sua origem se deu a partir das comédias italianas da década de 60, no qual redescobre o grande potencial sexual da mulher brasileira, na década de 70. Mas explora de forma agressiva e acintosa a fantasia masculina no binômio desejo/sexo, no qual a dicotomia feminina é transfigurada na figura da virgem ou da desquitada/viúva.

Algumas obras fugiram dessa realidade apresentada por Gubernikoff, buscando uma imagem mais realista da mulher brasileira. Nove mulheres no mesmo período da segunda onda feminista, entre os anos de 1970, realizaram dez longas metragens como cineastas no Brasil, segundo Elice Numerato e Oliveira (*apud* CAVALCANTE; HOLANDA, 2013). De acordo com estas autoras, as obras foram “O segredo da Roda”, de Vanja Orico (1973), “Mestiça”, de Lenita Perroy (1973), “Os homens que eu tive”, de Tereza Trautmann (1973), “Encarnação”, de Rose Lacreta (1974), “Feminino Plural”, de Vera Figueiredo (1976), no qual é considerado o primeiro filme feminista da América Latina em 1877 pelo jornal “O

Globo”, “Marcados para viver”, de Maria do Rosário (1976), “Cristais de Sangue”, de LunaAlkaly (1976), “Mar de Rosas”, de Ana Carolina (1977), “A mulher que põe a pomba no ar”, de Rosangela Maldonato (1977) e “Samba da criação do mundo”, de Vera Figueiredo (1978). Além de muitas curtas e médias metragens, trazemos como destaque a obra de Ana Maria Magalhães, “Mulheres de cinema que segundo Cavalcante e Holanda (2013), tratava-se da participação profissional da mulher ao longo da história do cinema do Brasil em suas diversas funções.

A obra *Feminino Plural* merece maiores observações quando as autoras Cavalcante e Holanda (2013) que envolvidas em todo contexto do movimento feminista, conheciam o que se chamava de “políticas do corpo”, que eram políticas em favor dos direitos de reprodução e às questões do corpo e da sexualidade, “tais como: prazer, contracepção e aborto”. (CAVALCANTE; HOLANDA, 2013, p. 137).

Ao falar sobre as mulheres como cineastas, Cavalcante e Holanda (2013) não as coloca como libertadoras dos estereótipos patriarcais sobre as mulheres. Eles afirmam que a auto-representação não garante ausência de estereótipos, tampouco leva a construções de imagens positivas automaticamente, mas mesmo assim, são essas cineastas que tem potencialidade de revelar novas formas de representação feminina. Afinal, como Shohat e Stam (2006) afirmam, o que realmente importa sobre distorções e estereótipos é a proibição ou o silenciamento do acesso de grupos historicamente marginalizados de controlarem sua própria representação.

Em suas pesquisas, Shohat e Stam (2006), concluem que em geral filmes produzidos por homens terceiro-mundistas não expressam muito interesse por uma crítica feminista do discurso nacionalista. Na maior parte das vezes eles favorecem o espaço do homem como herói de suas batalhas. “A presença mínima das mulheres correspondia ao espaço público destinado a elas tanto nas revoluções anticolonialistas quanto no discurso terceiro-mundista. As lutas das mulheres no campo ‘privado’ ganharam pouca atenção” (SHOHAT E STAM, 2006).

Denilson Lopes (2005) reafirma esses pensamentos quando diz que com exceção do melodrama, os gêneros cinematográficos em meados dos anos 70 ainda eram feitos em grande medida para um público masculino ou para quem se colocava na sua posição. “A glamourização da personagem feminina a prendia sempre como um objeto de desejo e de contemplação”. (LOPES, 2005)

As consequências desses filmes produzidos por homens são a ausência das mulheres como possíveis protagonistas principais, ou suas aparições representadas como personagens vilãs, que levam os heróis e atletas aos caminhos errados ou como mocinhas que necessitam serem salvas por seus heróis. A grande ausência das mulheres em filmes relacionados aos esportes e o excesso de papéis dos homens como os únicos a aparecerem competindo nos esportes e logo, visões sobre o âmbito esportivo ser destinado apenas aos homens se torna possível de alimentação das raízes patriarcais.

Um dos setores que a mídia domina é na construção de mitos esportivos no imaginário social. Ela tem o poder de criar, reforçar e até mesmo destruir heróis esportivos. Acreditamos também que até as pessoas que não conhecem a história das mulheres nos esportes, principalmente nas Olimpíadas e muito menos os significados da palavra Feminismo, mas consomem estes produtos da mídia, são estimuladas consciente ou inconscientemente a construir sentidos propostos durante as apreciações que são absorvidas para dentro de suas memórias e oportunizadores de momentos de reflexão. Assim como a mídia produz sentidos implícitos ou não, ela é produzida sobre sentidos de uma temática que já estão construídos e que moldam a sociedade. Com esses pensamentos, nos interessamos por descobrir um pouco mais sobre a presença da mulher esportiva apresentada pelo cinema.

O cinema brasileiro e suas Mulheres

Algumas pesquisas têm exemplificado as diversas realidades encontradas pelas mulheres que se destacam no meio esportivo com registros midiáticos. O trabalho de Firmino e Ventura (2013), por exemplo, objetivou pesquisar sobre a cobertura das Olimpíadas de Londres 2012, em jornais paulistas, a partir dos temas que relacionam mulher e esporte. Neste estudo, os assuntos que não se relacionavam à performance das jogadoras dentro de campo tiveram mais destaque nas notícias, dando maior relevo aos elementos negativos da competição em relação às conquistas no espaço esportivo pelas mulheres.

Muitos estudos comparativos sobre a visibilidade de mulheres e homens no esporte revelam que, muitas vezes, essa presença da mulher é menor do que um terço das informações sobre os homens e não falam sobre suas habilidades esportivas, mas sobre aspectos estéticos voltados para questões de beleza, como se encontra registrados nos

estudos de Souza e Knijni (2007). Estes pesquisadores quantificaram a cobertura da Folha de São Paulo no que se refere ao número de matérias que cobriam competições de ambos os sexos através de uma análise percentual do número de reportagens e verificaram o tamanho das reportagens por meio da média geral do número de palavras e a frequência com que se utilizam comentários relacionados ao gênero.

Os resultados quantitativos da pesquisa sobre a cobertura apontaram para diferenças de até cerca de 70% entre a cobertura de homens e mulheres neste jornal brasileiro. O tamanho das reportagens também apresentou uma grande diferença. Os autores concluem que os homens são mais vezes citados por suas habilidades atléticas do que as mulheres, que recebem mais citações em relação a sua aparência física (SOUZA: KNIJNI, 2007). Esse estudo revela que apesar das inúmeras conquistas das mulheres em todos os âmbitos sociais, ao voltarmos nossos olhos para a mídia, a presença da mulher no âmbito esportivo ainda se revela muitas vezes carregada de discursos sexistas que se negam a apresentar a mulher atleta assim como apresenta o homem atleta.

A mídia, enquanto formadora de opiniões e elemento de construção de representações sociais, segundo Devide (2005), sub-representou o desempenho das mulheres no esporte, o que contribuiu para o retardo no desenvolvimento do esporte feminino e para a manutenção da hegemonia dos homens sobre as mulheres nesse campo.

Preocupados em problematizar tais questões, alguns estudiosos, como Rúbio e Simões (1999), apresentam em seus estudos características que vinculam uma provável relação das teorias feministas com a presença das mulheres nos esportes. Eles defendem que essa pouca visibilidade das mulheres nos esportes se dá pela cultura patriarcal que insiste em perpetuar a ideia de que os esportes são atividades naturalmente masculinas. Até mesmo quando pensamos no espaço esportivo profissional, descobrimos que esses pensamentos patriarcais também se fazem presentes, restringindo muitos dos direitos das mulheres, tal como o direito às práticas esportivas.

Trabalhos como os de Mourão (1998, 1999) e Goellner (2006) trazem como objetivo do estudo descrever a significação das representações sociais associadas à mulher brasileira nas atividades físico-desportivas do passado e dos dias atuais no campo olímpico, com intento de desnaturalizar a inferiorização feminina no espaço esportivo. Já a pesquisadora Ariani (2011) dialoga com o preconceito contra jornalistas, repórteres e apresentadoras no esporte brasileiro e mundial, trazendo assim um panorama da presença ou ausência das mulheres nos espaços de comunicação que dialogam com os esportes.

Muitos outros pesquisadores, tais como Miragaya e Da Costa (2002) fazem parte dos interessados que se debruçam na vida de atletas importantes na história brasileira para narrar e dar relevo aos feitos das mulheres esportistas e nossa história. Pesquisadoras como as supracitadas, estudaram sobre o início da carreira de uma das maiores nadadoras do Brasil no pano de fundo das revoluções política e emancipadora da década de 1930 de significado para a história do esporte nacional, Maria Lenk.

Filho e Araújo (2011) pesquisaram sobre as possíveis relações entre os feminismos e as práticas esportivas e defendem que essas possíveis relações contribuem para entender processos de exclusão, inclusão e interferências das mulheres no âmbito esportivo, mas especialmente, nos jogos olímpicos. E Citam os estudos de Fllintoff e Scraton (2002) que apresentam atividades presentes em organizações como a *Women's Sport Foundation*, a *Women's Sport Internacional* e a *Windhoek Agreement* que pressionam os órgãos esportivos internacionais colocando a questão da igualdade entre os sexos no esporte na agenda esportiva internacional e lutando por participação em conselhos esportivos. E o trabalho de Hargreaves (2007), no qual ela discute sobre o esporte feminino dentro do mundo muçulmano e identifica o que chama de *Muslim sport feminists* como agentes fundamentais pela promoção do esporte feminino nesse contexto.

Ao pensarmos na história do cinema, observamos silenciamentos do registro da mulher no esporte, quando comparado ao registro dos homens. Um exemplo da representação masculina nos esportes e da ausência das mulheres nas representações cinematográficas de antigamente é o filme “Carruagens de Fogo” (1981), um dos maiores clássicos sobre o Atletismo nos conta uma história que se passa na Inglaterra dos anos 20, tendo como protagonistas homens que treinam para disputar a Olimpíadas. As mulheres não faziam parte como atletas, restando a estas o papel como esposas, namoradas e outros coadjuvantes para o enredo da obra.

Ao investigarmos os conflitos entre questões internas das mulheres, descobrimos que as discriminações não acontecem apenas através das comparações com os homens. As diferenças físicas, étnicas, de gênero, políticas, sexuais, religiosas, econômicas, espaciais e intelectuais que existem entre as mulheres também são carregadas por elas mesmas de preconceito sobre seus potenciais e dificultam maiores compreensões e conquistas de respeito.

A temática que problematiza a mulher no cinema passa por resistência, reforçando a marginalidade da questão. A crítica feminista cinematográfica começou nos anos 70, como

forma de criticar o cinema narrativo tradicional e alcançar rupturas com seus regimes de prazer visual.

Laura Mulvey (1975) foi reconhecida dentro dessa crítica em seu artigo "*Visual Pleasure and Narrative Cinema*" que buscou na teoria psicanalítica os fundamentos para uma profunda crítica da imagem, especialmente à produzida no contexto do cinema hollywoodiano, julgando como um produto da predominância do olhar masculino, ao qual corresponderia a imagem da mulher como objeto passivo do olhar. Na obra de Mulvey, a teoria psicanalítica é utilizada como um método para desmascarar como o inconsciente da sociedade patriarcal ajuda a estruturar a forma do cinema.

Elizabeth Ann Kaplan, uma das pioneiras da crítica feminista cinematográfica, em entrevista a Denise Lopes (2002, p. 209), conta sobre o quanto ela e seu grupo foram ridicularizados, ignorados e criticados por se apropriarem dos conceitos da psicanálise, mas foram responsáveis por inúmeras contribuições aos iniciantes Estudos Culturais, que começavam a ser difundidos de forma interdisciplinar nas universidades norte-americanas e europeias. Ao falar do tema "A mulher e o Cinema", Ann Kaplan sempre discutiu sobre a imagem da mulher nos filmes, da propagação de novas visões sexuais no cinema, da importância e da necessidade da apropriação e da revisão das teorias de Freud e Lacan para a atividade crítica feminista (LOPES, 2002).

Ao nos direcionarmos ao cinema Hollywoodiano, a pesquisa intitulada *Gender Inequality in Film*, publicada no site da New York Film Academy (2013), nos apresenta dados relevantes sobre como os personagens masculinos e femininos são retratados nos 500 filmes hollywoodianos de maior sucesso entre 2007 e 2012. Um dos dados foi o percentual de mulheres retratadas com roupas que possuem conotação sexual no qual se revelou de 28,8%, enquanto a taxa de homens na mesma situação foi de 7%. Nos dados quanto a porcentagem de adolescentes femininas retratadas em cenas de nudez aumentou 32,5% entre 2007 e 2012. Outro dado interessante é que a presença de personagens femininas nos filmes aumentou em 10,6% quando a direção foi assumida por mulheres, e 8,7% quando as roteiristas eram mulheres.

Em relação a direção dos 250 filmes hollywoodianos de maior sucesso em 2012, apenas 9% foram diretoras mulheres e 15% roteiristas. A pesquisa aborda até relação quanto as premiações da Academia de Hollywood que em 85 anos somente 7 produtoras venceram o prêmio de melhor filme, todas em co-produção com homens, enquanto 8 venceram nas categorias de melhor roteiro original e melhor roteiro adaptado.

Ao pesquisarmos sobre trabalhos que apresentassem a temática da mulher brasileira no cinema, poucos trabalhos foram encontrados. Gisele Gubernikoff (2009) apresenta em seus estudos uma abordagem da teoria feminista do cinema e sua atualização para a realidade brasileira, partindo de um estudo da representação da mulher na mídia. Mesmo com o grande avanço da emancipação feminina, nos anos 60, a pesquisadora afirma que as mulheres do cinema ainda são construídas com base em estereótipos como a jovem inocente, a vamp, a prostituta e a divina, escondem-se atrás de um romantismo exagerado e sem nenhuma indicação sobre o modo real de sua vida. A pesquisadora conclui que o feminismo é ignorado no cinema.

Quando entram no Sistema Globo de Televisão, Gubernikoff (2009) afirma que as atrizes convalidam a tradição de que a sexualidade feminina é trágica e que a televisão brasileira ainda vence o cinema e assim, é a grande mídia nacional, expondo a maioria de nossos atores ao grande público, operando em um sistema de divulgação semelhante ao dos grandes estúdios americanos, com direito a revistas de fãs, divulgação de fofocas, etc.

Alves (2011) em sua dissertação sobre “O cinema brasileiro de 1961 a 2010 pela perspectiva de gênero”, pesquisou sobre a evolução da participação de mulheres na direção cinematográfica e em outras funções de destaque nas equipes dos filmes brasileiros de longa-metragem lançados entre os anos 1961 e 2010. Alves afirma que ao longo dos anos o cinema reproduziu representações do patriarcado, das relações familiares e da sexualidade, determinou padrões de beleza, reforçou personagens para homens e mulheres, criou rótulos para pessoas e comportamentos.

A pesquisadora ainda ressalta também que o cinema influenciou e foi influenciado pelas mudanças na sociedade e pelos movimentos sociais ocorridos, assim como pelo movimento feminista e suas bandeiras desde a libertação sexual da mulher até a maior e mais representativa participação da mulher no mercado de trabalho. Alves (2011), em relação a indústria cinematográfica, apresenta em seus estudos que entre 1981 e 1990 as mulheres dirigiram apenas 3,27% de todos os longas-metragens produzidos no Brasil, na década seguinte o percentual passou para 11,35% e continuou subindo, chegando a 15,37% dos lançamentos de 2001 a 2010.

Ao adentrarmos no mundo das mulheres atletas no cinema, encontramos uma visualidade maior desde o século XX. Pesquisas como as de Maia, Chaves e Araújo (2013) apresentam análises de filmes como “*Offside*” (2006), “Ela é o cara” (2006) e “Menina de Ouro” (2004) que retratam a mulher de diversas formas em diferentes espaços esportivos

buscando compreender as representações de gênero centralizadas nesse público. Os resultados revelam filmes que em suas narrativas elucidam discussões sobre representações encontradas que ferem a liberdade de expressão feminina e que utilizam das expressões do pensamento patriarcal, ora afirmando ou descentrando, a opressão do feminino para tratarem sobre gênero e sexualidade nas práticas corporais.

Uma outra obra internacional que ganhou grande repercussão, foi “Berlin 36” (2009) que conta a história de um homem que disputou uma Olimpíada fingindo ser uma mulher.

Atualmente, o Brasil possui três grandes arquivos públicos relacionados ao audiovisual, segundo o site da ABCine (2012), a Cinemateca Brasileira localizada na cidade de São Paulo; a Cinemateca do MAM, no Rio de Janeiro e o Arquivo Nacional, também localizado na cidade do Rio de Janeiro. Todos filiados à Fédération Internationale des Archives du Film (FIAF), principais responsáveis pela preservação da memória do cinema brasileiro. Eles não possuem apenas os filmes propriamente ditos, mas também programas de televisão, vídeos institucionais e públicos, cartazes, roteiros, fotos, livros e todos os demais objetos e materiais que possam auxiliar na manutenção da memória das produções audiovisuais brasileiras.

Após realização de uma visita técnica para pesquisar os registros de filmografias brasileiras que retratem a mulher no cinema ou a mulher no esporte, realizada durante o mês de junho de 2015, foram encontradas 25 produções, nas quais 18 apresentam informações históricas sobre a mulher e sua participação esportiva, sendo três destes, médias metragens e os demais, curtas. Um dos mais recentes curtas dentro desta temática é o “Cartão Vermelho” (1994), da diretora Laís Bodanzky. Dois dos 25 filmes apresentam a mulher e sua participação no âmbito do cinema, sendo estes dois, curtas-metragens da diretora Ana Maria Magalhães que os produziu em meados dos anos 70. E cinco dos 25 filmes apresentam a mulher sobre uma ótica feminista dentro da sociedade, sendo dois destes longas metragens. O mais polêmico e popular sobre esta ótica é o longa “Plural Feminino” de Vera de Figueiredo que no ano de 1976, questionava o comportamento imposto às mulheres⁴.

Ao direcionarmos nossas buscas por mais obras na internet especificamente com a presença das mulheres nas olimpíadas e com características de médias a longas metragens, encontramos apenas os filmes de média- metragem “Além das Medalhas” (2012), realizado

⁴ Uma tabela com informações básicas sobre cada filme encontrado durante nossa pesquisa às cinematecas se encontra no anexo.

como trabalho de conclusão de curso de jornalismo dos alunos Costa; Damião e Borges da PUC-SP que abordavam sobre a relação atletas, confederação e a cobertura da imprensa; "Pátria" (2011) do diretor Fábio Moreira, conta através de entrevistas com as atletas olímpicas a história de equipe brasileira de vôlei para mulheres, que conquistou o primeiro pódio olímpico da modalidade e colocou o Brasil na elite do esporte em 1996; o "Aida dos Santos, uma mulher de garra" (2011), do diretor André Pupo, que conta a determinada história da atleta olímpica brasileira Aida do Santos em salto em altura em 1964; o "Maria Lenk, a essência do espírito olímpico" (2011), do diretor Iberê Carvalho, que conta através da narração da própria Maria Lenk, primeira atleta brasileira a participar das Olimpíadas, como foi a sua trajetória em 1932. E o "Mulheres Olímpicas", da diretora brasileira Laís Bondanzki. Estas são obras do cinema brasileiro que apresentam as mulheres como protagonistas, a partir de recortes das formas de representar a mulher atleta brasileira e de registros que transitam entre o documental e uma possibilidade ficcional da construção de uma igualdade de oportunidades no esporte brasileiro. Os quatro últimos filmes citados estão também registrados nas cinematecas.

Considerações finais

Sobre nossa pesquisa exploratória, concluimos que apesar do cinema brasileiro carregar, em suas raízes, visões da mulher baseadas numa cultura eurocêntrica, a partir da contemporaneidade surgem impressões da mulher que divergem dessa cultura em diversos âmbitos sociais. Em específico no âmbito esportivo, só se encontra essa representação através de documentários.

O filme brasileiro "Mulheres Olímpicas" de 2013 surge como escolha de obra para futuras e profundas análises pensando pela ótica de sua idealização que trabalha com modelos que fogem da regra da mulher fictícia da mídia televisiva brasileira, em formato de documentário, se utilizando da narrativa das atletas brasileiras que realmente participaram dos Jogos Olímpicos em diversas épocas e modalidades, esperando assim, compreensão mais profunda das relações da história do cinema brasileiro com as conquistas das mulheres atletas brasileiras e seus discursos feministas envolvidos.

Referências Bibliográficas

ALVES, Amália Cardoso. A construção social do papel da mulher. **Revista Científica da Faculdade Atenas: Juri 2012**, Santa Catarina, v. 1, n. 1, p.1-1, Jun, 2012. Disponível em: <http://www.atenas.edu.br/faculdade/arquivos/NucleoIniciacaoCiencia/REVISTAJURI2012/1A_CONSTRUÇÃO_SOCIAL_DO_PAPEL_DA_MULHER.PDF>. Acesso em: 23 jun. 2014

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ALVES, Paula. **O cinema brasileiro de 1961 a 2010 pela perspectiva de gênero**. 2011. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais, Ufrj, Rio de Janeiro, 2011

CARDOZO, Fredi. Documentário: “Mulheres Olímpicas”: O universo das mulheres olímpicas. **Memória do Esporte Olímpico Brasileiro**, Brasil, v. 1, n. 1, p.1-1, 08 abr. 2013. Disponível em: <<http://memoriadoesporte.org.br/2013/04/08/documentario-mulheres-olimpicas/>>. Acesso em: 12 abr. 2014

CAVALCANTE, Alcilene; HOLANDA, Karla. Feminino Plural: história, gênero e cinema no Brasil dos anos 1970. In: BRAGANÇA, Maurício de; TEDESCO, Marina Cavalcanti. **Corpos em projeção: Gênero e sexualidade no cinema Latino-Americano**. Rio de Janeiro: 7letras, 2013. p. 7-254.

CHARNEY, Leo & SCHWARTZ, Vanessa R. (Orgs). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2004

CHAVES, P. N.; MAIA, M. C. M.; ARAUJO, A. C. Menina de ouro: construção de uma feminilidade não normatizada. In: **Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e V Congresso Internacional de Ciências do Esporte**, 2013, Brasília. Anais e autores, 2013.

CIMINO, F. **As ideias de McLuhan**. Trabalho não-publicado. 2014.

CLEMENTE, Fabiane apud GIL, A. C. (2007). Pesquisa qualitativa, exploratória e fenomenológica: Alguns conceitos básicos. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/pesquisa-qualitativa-exploratoria-e-fenomenologica-alguns-conceitos-basicos/14316/>>. Acessado em 17 de abril de 2015.

COMMITTEE OLYMPIC INTERNATIONAL (COI). **Fact Sheet: Women in the Olympic Movement**. 2012. Disponível em: http://www.olympic.org/Documents/Reference_documents_Factsheets/Women_in_Olympic_Movement.pdf. Acesso em: 25 fev. 2014

DEVIDE, F. P. **Gênero e Mulheres no Esporte**: História das mulheres nos jogos olímpicos modernos. Ijuí: Ed. Unijuí, 144 p, 2005.

DEVIDE, F. P. História das mulheres nos jogos olímpicos modernos. In: DA COSTA, L. P; TURINI, M. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro (RJ): Gama Filho, 2002, v. 1.

FIRMINO, C B; VENTURA, M de S. Sou atleta, sou mulher: a representação da seleção brasileira de futebol feminino na cobertura dos Jogos Olímpicos em Londres (2012). In: **INTERCOM** – Sociedade brasileira de estudos interdisciplinares da comunicação xviii congresso de ciências da comunicação na região sudeste, Bauru: Intercom, 2013. v. 1, p. 1 - 30.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOELLNER, S V. Mulher e esporte no Brasil: Entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**. 1: 85-100. 2006.

GOUGES, Olympe de. Oeuvres. Edited by Benoit Groult. Paris: Mecure de France, 1986.

GUBERNIKOFF, G. **A imagem**: representação da mulher no cinema. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, jan./jun. 2009.

LOPES, Denilson. Cinema e sexualidade(s), à luz do mix brasil. **Sombras elétricas**. 2005.v Disponível em: <<[http://sombraseletricas.webnode.pt/arquivo/cinema-e-g%C3%AAAnero-\(i\)-denilson-lobes/](http://sombraseletricas.webnode.pt/arquivo/cinema-e-g%C3%AAAnero-(i)-denilson-lobes/)>>. Acessado em: 13 de fevereiro de 2015.

LOPES, Denise. A mulher no cinema segundo Ann Kaplan: Entrevista a Denise Lopes*. **Contracampo**, Niteroi, v. 7, n. 2, p.209-217, jul. 2002.

MAIA, M. C. M; ARAUJO, A. C. ; CHAVES, P. N. . **O espaço da mulher na cultura esportiva: análise da obra offside**. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e V Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2013, Brasília. Anais e autores, 2013.

MEMÓRIA DO ESPORTE OLÍMPICO BRASILEIRO (Brasil). **Mulheres Olímpicas**. 2013. Disponível em: <<http://memoriadoesporte.org.br/2013/08/14/mulheres-olimpicas/>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

MIRAGAYA A. A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão. In: Da Costa LP, Turini M. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro (RJ): Gama Filho; 2002. v.1.

MIRAGAYA, A. M. F; DACOSTA, L. P. Maria Lenk: as revoluções política e emancipadora da década de 1930 no Brasil que levaram a nadadora da Atlética às olimpíadas de Los Angeles. **Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação Física**. Ponta Grossa: 2002.

MOURÃO, L. **A representação social da mulher brasileira na atividade físico-esportiva da segregação a democratização**. Universidade Gama Filho – UGF– Tese de Doutorado. 1998.

MOURÃO, L; SOARES, A. 1949 – 1972 Duração das Olimpíadas Femininas no Brasil via Jornal dos Sports - Rio de Janeiro. In Tavares, O & DaCosta, L. (eds) **Estudos Olímpicos**, Editora Gama Filho, Rio de Janeiro, Brasil: pp.98-107. 1999.

MULVEY, Laura. "Visual Pleasure and Narrative Cinema." *Screen*, v. 16, n. 3, p. 6-27, **Autumn** 1975.

RIO 2016 (Brasil). **Jogos Olímpicos da Era Moderna: 116 anos de avanços e conquistas**. 2012. Disponível em: <<http://www.rio2016.com/noticias/noticias/jogos-olimpicos-da-era-moderna-116-anos-de-avancos-e-conquistas>>. Acesso em: 16 abr. 2012.

RUBIO, K. SIMOES, A. C. De espectadores a protagonistas a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Rev. bras. Mov.** Ano V, nº 11, p 50-56, 1999.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica Da Imagem Eurocentrica**. Brasil: Editora Cosac Naify, 2006. 528 p

SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, jan./mar. 2007